



PONTOS  
CONTRA

Professora do Programa  
de Mestrado em  
Educação e do Curso  
de Pedagogia da  
UNIVALI. E-mail:  
*smostafa@terra.com.br*

# MÍDIA-EDUCAÇÃO NA PEDAGOGIA: uma proposta em tópicos especiais

MEDIA EDUCATION IN PEDAGOGY: a proposal  
in special subjects

Correspondência: Rua  
Espiridião Graciliano  
Silva, 161. Dom Bosco.  
Itajaí – SC.  
CEP: 88303-575.

Solange Puntel Mostafa

## Resumo

Discorre sobre conteúdo programático e estratégias de ensino na temática da mídia- educação em Cursos de Pedagogia. Dentre as três unidades propostas para a disciplina, isto é, 1) linguagens imagéticas culturais; 2) linguagens audiovisuais e 3) escrita da web, nota-se maior aceitação entre as acadêmicas de Pedagogia nas unidades dois e três, apesar de que a mídia-educação não é muito bem aceita como algo a ser ensinado aos estudantes de Pedagogia.

## Abstract

Syllabus and teaching strategies in media education are discussed as a course proposal for Pedagogy programs. The three units proposed for the subject include, 1) cultural image languages; 2) audiovisual languages and 3) writing on the Internet. It was observed that is greater acceptance among Pedagogy students in relation to the last two subjects, despite the fact that media education in general is not well-accepted as a subject to be learned by students of Pedagogy.

## Palavras-Chave

Mídia-educação - Pedagogia - Tópicos especiais.

## Keywords

Media education - Pedagogy - Special subjects.

Artigo recebido em  
28/04/2008  
Aprovado em  
22/07/2008





## PONTOS CONTRA

Linguagens midiáticas da cultura popular é tema de conteúdos especiais no Curso de Pedagogia. Isto porque as crianças e os jovens entram em contato com os conteúdos contemporâneos veiculados em vários tipos de mídia. Até e inclusive nos livros didáticos. Por isso, entender um pouco o funcionamento das linguagens da mídia reveste-se de especial interesse nos Cursos de Pedagogia.

Assim, Tópicos Especiais como disciplina do Curso de Pedagogia pode contemplar o seguinte conteúdo programático:

I – linguagens imagéticas culturais;

linguagens artísticas e linguagens publicitárias;

linguagem dos quadrinhos;

linguagem das charges;

II – linguagens audiovisuais;

trailer de filmes e filmes;

animações;

clipes musicais.

III – Linguagem escrita da web;

sites educacionais;

blogs;

orkut;

youtube.

## Linguagens imagéticas culturais

A disciplina Tópicos Especiais envolve algumas abordagens teóricas na análise das imagens culturais: no primeiro item do conteúdo programático explora-se a semiologia e suas vertentes nos trabalhos de Barthes, Duran ou Peirce para as análises de imagens publicitárias e Vygotski para imagens artísticas, tendo como





PONTOS  
CONTRA

pano de fundo autores como Debray (1994) em abordagem mais historiográfica ou Joly (1996), em abordagem mais marcadamente semiológica/semiótica, conforme bibliografia proposta para a disciplina.

As imagens artísticas são exploradas com o conceito de catarse de Vygotski (1999), dando conta da autonomia da obra como um dos pontos principais em sua proposta estética. As obras de arte inauguram a disciplina já na primeira aula, em momento lúdico de leitura de imagens, conforme proposta de Carvalho (2007) em oficinas de formação de professores, em que imagens artísticas são montadas em quebra-cabeças por grupos de alunas e comentadas coletivamente. Catarse e enigma são as duas categorias exploradas nesta leitura. Exemplos de imagens artísticas exploradas nesta primeira aula do curso são: - The love embrace of the universe (Frida Kahlo - 1949); Campo de Trigo com Ciprestes (Van Gogh - 1889); Barcos de Saintes-Maries (Van Gogh - 1888); A Condição Humana (René Magritte, 1935) ; Natureza morta com maçãs (Paul Cézanne- 1890); A virgem à frente de um guarda-fogo (Robert Camprim – séc. XV); A Madona e o Menino Jesus (Jean Funquet – 1450).

As duas últimas imagens artísticas são comparadas, por serem da mesma época e revelarem estilos ou sentidos diferentes: a primeira virgem é apresentada em sua cena doméstica no ato da amamentação, e todo o quadro apresenta-se como uma linguagem cifrada como se tivéssemos que lê-la através dos signos e enigmas, como o anel de metal acima da cabeça da virgem e o fogo da lareira, figuras do cotidiano inseridas na imagem da virgem; já a virgem de Jean Funquet é espantosamente sensual; de seios geométricos e com ares de atrevida, demonstra frieza e indiferença no ato da amamentação, configurando talvez uma maternidade erótica retratada em tempo pós-medieval.

Para o caso das imagens publicitárias, sugere-se a contraposição entre enigma e mensagem; a primeira tipificando a obra de arte no autor escolhido e a segunda como parte constitutiva da mensagem publicitária. Aqui não há como furtrar-se à referência a Roland Barthes (1990). O autor é um clássico da 'retórica' da imagem ao propor as noções de conotação, denotação e sintagma (a ordem das palavras na frase). Por analogia, as imagens também apresentam uma ordem na distribuição dos signos, formando um sistema. Qualquer imagem publicitária teria no entender de Barthes três mensagens: a mensagem icônica codificada e uma mensagem não codificada, além da mensagem lingüística, conforme pesquisa realizada por Pinheiro (2006).





## PONTOS CONTRA

Roland Barthes não é um autor muito conhecido da Pedagogia, mas é muito estudado na área de Letras e na área de Comunicação. Do ponto de vista das estratégias de ensino da semiologia bartheana, a imagem clássica das massas Panzini é apresentada às acadêmicas complementada pelos elementos do conceito da retórica em suas estruturas histórico-culturais, seguida de um conjunto de imagens publicitárias de fácil assimilação das regras bartheanas, como as propagandas do desodorante masculino Axé (Figura1); além da identificação das três mensagens propostas por Barthes nessas propagandas. Alerta-se, também, para a questão das relações de gênero exploradas nas imagens do referido produto.



*Figura 01: Efeito Axé.*

*Fonte: <http://www.portalcab.com/diversao/efeito-axe.php>.*

Jacques Duran pode ser considerado um continuador de Barthes, na medida em que apostou na intuição bartheana de que fosse possível recensear a retórica da imagem publicitária em todas as figuras clássicas da retórica já descobertas pelos antigos e pelos clássicos. Assim, apresenta-se às acadêmicas da Pedagogia o quadro geral de classificação das figuras de retórica, tal como o propõe o próprio Durand, nas relações de identidade, similaridade, oposição e diferença. Com o quadro impresso em mãos, as acadêmicas acompanham o visionamento das imagens em exposição dialogada de alguns exemplos presentes em Almeida Júnior (2005), como as figuras de identidade (repetição e eclipse), similaridade (alusão e metáfora), oposição (eufemismo, por exemplo a propaganda da camiseta Hering da campanha contra o câncer de mama vestida por Xuxa, a famosa apresentadora da televisão brasileira numa expressão de eufemismo, sem dúvida, é um dos exemplos da figura





## PONTOS CONTRA

de oposição: a gravidade do exposto opõe-se à alegria, jovialidade e fama de quem a veste); e, por fim, a figura de linguagem chamada acumulação.

Ainda no tema das imagens publicitárias, são apresentadas dentro deste mesmo referencial bartheano retocado por comentários de Joly (1996), dezenove peças publicitárias de campanhas das marcas de cerveja - Brahma, Antártica, Skol e Kaiser, conforme análise realizada por Mader (2003). As acadêmicas de Pedagogia realizam o visionamento das dezenove peças em apresentação de PowerPoint.

## Linguagens audiovisuais

No segundo item das linguagens audiovisuais, exploram-se abordagens discursivas, tendo como central a noção de discurso, tal como ela é pensada na teorização francesa (o discurso como efeito de sentido). A abordagem discursiva é apresentada primeiramente pela canção **Façamos** na versão de Chico Buarque do original **Let's Do It**, de Cole Porter, cantada por Chico e por Elza Soares. A animação de flash é assinada pelo cartunista Angeli (2005) na forma de videoclipe. A analogia procurada para a didatização dos conceitos centrais da abordagem discursiva como 'discurso', 'intertextualidade' ou 'memória discursiva' é aquela entre a reprodução animal e a reprodução textual.

A reprodução animal na música **Façamos** no primor da poesia de Chico Buarque e no ritmo de Elza Soares introduz as acadêmicas aos conceitos de intertextualidade (um texto dentro do outro, da mesma forma que a mistura de corpos da reprodução animal; a idéia básica é mostrar às acadêmicas que não somos a origem do dizer, tanto quanto não nascemos de processos artificiais); há uma memória discursiva em andamento na qual inscrevemos nossa intenção de fala, seguindo uma ordem. É preciso então que nos apercebemos desta ordem, para acolhê-la ou questioná-la. A idéia é trazer para a ponderação das acadêmicas de Pedagogia algumas ordens discursivas em histórias em quadrinhos, charges e filmes de produção comercial, como as animações ou outros filmes.

No caso dos quadrinhos, explora-se a análise de Scareli (2003): apenas a leitura de pequeno trecho da sua pesquisa, em que as acadêmicas acompanham a argumentação do escrito pelas imagens na apresentação de *PowerPoint* das tirinhas





## PONTOS CONTRA

de número 194 (Figura 2) a 200 do *site* da Mônica, no tema da ecologia. As acadêmicas dispõem, para esta aula, de parte da pesquisa escrita, podendo se desejar, recorrer ao texto completo, em momento extraclasse, pois o texto de Scareli está disponibilizado em Internet.



Figura 2.  
Fonte: <http://www.monica.com.br/index.htm>.

A questão central, no entanto, é trazida para a sala de aula, no destaque dado pela autora, às agências individuais de personagens como o lenhador, o Chico Bento e no excessivo direcionamento das mensagens educativas, o que no entender da autora, reduz o humor e as possibilidades de leitura.

No caso das charges, a abordagem discursiva é explorada pela análise de Gurgel (2000) e a análise recai sobre uma charge intitulada 'O amigo da onça'. O texto de Gurgel é reduzido ao mínimo para o entendimento em sala de aula através de leitura coletiva, após o visionamento de um conjunto de trinta e quatro charges em apresentação de *PowerPoint*.

Já temos elementos nesta oitava aula da disciplina Tópicos Especiais, do Curso de Pedagogia de identificar as charges, os quadrinhos, as novelas e os filmes como artefatos com alto grau de intertextualidade. Destaca-se também o caráter chágico do desenho infantil em imagens do personagem Pinóquio e de outras fábulas.

Assim, o visionamento de um conjunto de charges em exposição dialogada permite às acadêmicas de Pedagogia explorar os conceitos de intertextualidade e polifonia do texto humorístico, na especificação do que é possível levar para a escola e do que é possível levar para a sala de estudos das acadêmicas de Pedagogia.

Em que pesem as charges serem predominantemente voltadas ao mundo político, há charges voltadas à crítica social perfeitamente adequadas para o ambiente





PONTOS  
CONTRA

escolar, como as relativas à epidemia da dengue ou à aquelas comemorativas, do tipo Semana de Monteiro Lobato na escola. Com isto, a charge cumpre um importante papel de registro histórico de interesse de qualquer pedagogo ou profissional envolvido com a educação.

No segundo item do conteúdo programático, o charme fica com a linguagem cinematográfica em animações ou *trailers* de filmes. A linguagem fílmica é apresentada através dos *trailers* digitais, porque os trailers tornaram-se comuns e de fácil acesso na Internet. Além disso, *softwares* de edição de imagens permitem edição nas telas do próprio *trailer*, facilitando enormemente a mediação pedagógica.

Os *trailers* didatizados são precedidos por uma comparação de três *trailers* do filme **Cidade de Deus**, tal como é apresentada por Souza (2006). A idéia aqui não é levar o filme **Cidade de Deus** para a escola, em que atuam os acadêmicos de Pedagogia. Há outras animações mais pertinentes à educação infantil ou o nível de primeira à quarta série do Ensino Fundamental compondo esta aula de cinema.

A idéia do cotejo é problematizar a montagem da imagem cinematográfica em suas edições brasileira, americana e francesa. Uma maior contextualização na edição brasileira contraposta com o sensacionalismo da versão americana em sua preferência por histórias 'baseadas em vida real' e alto nível de violência na versão francesa. O visionamento dos três trailers em sala de aula da Pedagogia é acompanhado pela leitura de trechos escolhidos de Souza (Idem) em que esses aspectos das três versões são apresentados.

O acadêmico de Pedagogia tem, assim, a oportunidade de entender a montagem das imagens como ato cinematográfico não neutro, mas cheio de intencionalidades, seja no consumo das imagens cinematográficas, seja na produção delas. Considerando que as imagens videográficas são formas de pensamento e por isto, participam na construção de conhecimentos, elas também são expressão da subjetividade dos sujeitos aprendizes. Em pesquisa recente de videogravação no ambiente escolar, Mostafa (2008) analisa a montagem em vídeo realizada pelos adolescentes, concluindo que, semelhantemente ao cinema, a montagem em vídeo consiste em reunir vários planos de cenas em determinadas condições de ordem, embora possa parecer que as imagens nascem ao acaso, do encontro com a câmera e com o cenário.





PONTOS  
CONTRA



Figura 3: *The Lion King*, 1994

Fonte: [http://wallpaper.diq.ru/36\\_\\_The\\_Lion\\_King%2C\\_1994.htm](http://wallpaper.diq.ru/36__The_Lion_King%2C_1994.htm).

A aula de trailers contempla a exibição de cinco vídeos editados, contendo cenas dos filmes de cinema: **O Rei Leão** (Figura 3), **Um dia depois de amanhã**, **Shrek**, **Procurando Nemo** e **Era do gelo**. A edição consiste em escolher quadros específicos, inserindo neles textos-frases sintetizadores do roteiro e sugerindo sentidos não comerciais propostos pela produção original. A edição também possibilita a inserção de música de fundo e a retirada do áudio em inglês. Este procedimento é útil não só para a exibição em sala de aula de professores em formação (seja no Curso de Pedagogia, seja em outros processos formativos), mas também porque já é um exemplo de mídia-educação a ser desenvolvido com os alunos na escola.

O ponto de vista teórico de análise desta animação é sugerido por Bolognini (2007) no livro **O cinema vai à escola**. O livro traz as análises de seis produções<sup>1</sup> dentro da abordagem discursiva, conforme desenvolvida nas ciências da linguagem. Mas elegemos apenas **O Rei Leão** para a didatização por causa da faixa etária de interesse da Pedagogia na educação infantil e em nível de primeira à quarta série do Ensino Fundamental. Bolognini (Idem) alude à metáfora e metonímia no gesto de interpretação desta animação e pergunta: “Quem é o rei no **O Rei Leão**”?

É destacada a contextualização histórica de produção da animação **O Rei Leão**, com referência à queda do Muro de Berlim em 1989 na consolidação da hegemonia americana sobre as potências comunistas; as ponderações da autora sobre o efeito dos sentidos produzidos pelas duas superpotências desde o final da II Guerra







PONTOS  
CONTRA

Mundial até o declínio do bloco comunista, com a queda do Muro de Berlin em 1989, parece bem pertinente na contextualização desta animação. Pois **O Rei Leão** porta de fato uma superioridade inquestionável nas cenas apresentadas.

Mas não se pense que tal superioridade afronta o telespectador; pelo contrário, somos convidados a aplaudir e a amar o Rei de juba alaranjada e a apedrejar seu irmão de juba preta. Como diz a autora: “As cores, o laranja e o preto, produzem efeitos de sentido diferentes, convidando os sujeitos a ocuparem posições diferentes perante os personagens.” (BOLOGNINI, s/d).

Na abordagem discursiva de Bolognini, o felino, carnívoro e feroz leão nos é apresentado como um felino que fala, que é compreensivo, comunicativo; aliás a voz terna, delicada e infantil do filhote Simba enternece nossos corações; leões não ferozes, cuidadosos com a manutenção do planeta no ciclo reprodutivo da vida e nunca em situação de caça é o leão desta animação. Mas, pelo deslizamento de sentidos, outro leão imaginário nos é apresentado, na confirmação dos valores burgueses da vida americana.

Isto faz a autora concluir por um “deslize de sentidos possível, porque o desenho faz sentido “[...] e há um efeito metafórico entrando em cena, e remetendo a história para outro Interdiscurso” (Idem). As acadêmicas de Pedagogia percebem a interdiscursividade de algumas cenas do trailer pela mediação pedagógica na lembrança ao personagem Hamlet de Shakespeare, na cena em que Simba, o leãozinho de identidade perdida, vê o fantasma do seu pai, na imagem refletida da água.

Outra das interpretações de Bolognini importante nesta animação é a referência às Instituições: a família (o leão e a leoa acompanhando o filhote), o governo (o rei, a rainha e o herdeiro), a igreja (o macaco fazendo a cerimônia de batismo e os raios entre as nuvens) e a escola (o macaco e sua sabedoria). A autora vai mais fundo ainda na percepção das cores do macaco “[...] branco, azul e vermelho no nariz, ou seja, as cores da bandeira americana. Ou seja, a metáfora funciona aqui, no sentido de transferir o poder conferido a esse personagem ao governo americano” (Idem).

Nas demais animações apresentadas no item *trailer* da disciplina Tópicos Especiais, como **Um dia depois de amanhã**, **Procurando Nemo** e **Era do gelo** há também traços fortes de demarcação da família nucleada da modernidade (pai, mãe e filho) em franca reconfiguração na contemporaneidade e que, por alguma razão,





## PONTOS CONTRA

os filmes americanos não mostram. Um certo individualismo e até heroísmo são praticados nessas famílias, também já notado em análise anterior nas tirinhas da Mônica, no trabalho de Scareli (Idem), deixando supor uma visão de sociedade liberal, humanista ao mesmo tempo que individualista, mas sem que isto leve a quaisquer conflitos ou questionamentos.

Em alguns casos, o antropocentrismo exacerbado desfigura realidades históricas, como a improvável amizade entre o mamute e a criança pré-histórica na animação **Era do gelo**. A animação **Shrek**, pelo seu teor de contestação apontando para as diferenças, talvez nos leve a pensar, de forma mais produtiva, do que os rompantes liberais humanistas das animações anteriores.

Dois outros visionamentos compõe o item *trailers* de filmes e filmes da disciplina Tópicos Especiais: **Meu tio matou um cara** e **Deu a louca no Chapeuzinho Vermelho**, ambas analisadas em situações de pesquisa nas atividades de pós-graduação do Mestrado em Educação da mesma instituição (PINHEIRO, 2006; MOSTAFA & PINHEIRO, 2008).

Cabe ainda mencionar a pesquisa **Videografar e narrar**: uma questão para a educação (MOSTAFA, 2008) realizada em escola do município de Itajaí, SC, em que os adolescentes produzem vídeos com a câmera digital, cujo visionamento permite às professoras em formação distinguir os três atos cinematográficos, tomados filosoficamente na produção de sentidos como o enquadramento, a decupagem e a montagem.

## A escrita da web

No item III do conteúdo programático, cabe destacar a temática dos *sites* educacionais e outras artefatos culturais como Orkut e Youtube, tomados como objeto de estudo. Aqui é mister distinguir o aspecto ferramenta pedagógica de toda mídia do seu aspecto de objeto de pesquisa; a disciplina pretende um nível de instrumentalização voltado a esta dupla articulação da mídia como ferramenta, mas também como objeto de pesquisa, pois se acredita que o olhar do professor deve contemplar a investigação dos materiais que ele utiliza em sala de aula.





PONTOS  
CONTRA

## Considerações finais

A literatura internacional consagrou a expressão mídia-educação (mais recentemente *mídia literacy*) como uma educação voltada para as mídias, no sentido de produzi-las, mas também compreendendo os vários olhares presentes neste processo de produção. Assim, grande parte dos itens do conteúdo programático, iniciando pelas imagens publicitárias, passando pelos quadrinhos e charges e imagens-movimento até as páginas de Internet, onde estão hospedados os sites educacionais, todo esse conteúdo pode funcionar como ferramenta pedagógica, pois se ensinam conteúdos através de todas essas linguagens.

Mas também todas essas linguagens são passíveis de análise investigativa na sua produção de sentido. Que sentido essas imagens estão liberando? No caso dos sites educacionais a pergunta é sobre o equilíbrio das suas dimensões exploratórias, informacionais e educativas. A experiência tem demonstrado que o item escrita da *web* é o de maior agrado dos professores em formação; seu desenvolvimento exige alguns encontros no laboratório de informática. Já os professores titulares das escolas exploram os sites educacionais mais como repositório de fontes didáticas do que propriamente em projetos colaborativos, inter ou intra escolares, (MOSTAFA, S. P.; MÁXIMO, L. F. 2005). Este quadro tende a rápidas alterações frente às atuais e promissoras políticas públicas do governo federal brasileiro voltadas à inclusão digital.

Os três itens do conteúdo programático aqui reunidos configuram tópicos especiais para a Pedagogia apenas e tão somente se a dupla dimensão da integração dessas linguagens estiver garantida, como alerta Beloni (2001). O aspecto de ferramenta pedagógica das mídias é mais explorado nas escolas, seja por professores seja por alunos. É o aspecto objeto de investigação que encontra mais resistência na educação, até porque as teorias da aprendizagem, sozinhas, não bastam para realizar esta tarefa: é preciso a contribuição de outras literaturas investigativas que estão sendo produzidas em outras áreas de conhecimento, como Letras, Linguística, Artes Visuais, Comunicação e outras aqui apresentadas. Os dois aspectos integrados podem contribuir para a prática da alfabetização visual nas escolas. Os saberes da Pedagogia ainda não integram com naturalidade, saberes advindos de outras áreas, com exceção das Artes Visuais. É por isso que ler e produzir imagens artísticas é mais aceitável na Pedagogia do que ler e produzir imagens midiáticas.



A escola sempre teve a tarefa de ensinar a ler e a escrever o signo lingüístico. Mas a pós-modernidade desafia a escola na produção de outros signos que não apenas os lingüísticos; é preciso então ler e escrever a mídia, isto é, ler e escrever com som, imagem e movimento numa espécie de alfabetização visual; importa então desenvolver métodos de ensino e aprendizagem para a escrita da mídia visual, pois como todo grafismo, o grafismo audiovisual também tem suas regras e formas próprias de significar.

## Referências

- ALMEIDA JR., L. N. **Retórica e imagem publicitária**. Rio de Janeiro: PUCatólica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Design, Departamento de Artes e Design. Seminário. 2005. 66pg. Disponível em: <http://wwwusers.rdc.puc-rio.br/imago/site/narrativa/producao/licinio.pdf>. Acesso em: 15/04/2008.
- ANGELI Filho, A. **Videoclip Façamos**. 2005. Disponível em: <http://tvuol.uol.com.br/musica/clipes/2005/04/28/ult2562u108.jhtm>. Acesso em: 15/04/2008
- BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BELONI, M. L. **O que é mídia-educação**. Campinas: Ed. Autores Associados, 2001.
- BOLOGNINI, C. Z. **Efeito da metáfora e da metonímia no gesto de Interpretação**: quem é o rei no “O Rei Leão”? Disponível em: [http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/gt\\_andis/004.htm](http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/gt_andis/004.htm). Acesso em: 15/04/2008.
- DEBRAY, R. **Vida e morte da imagem**: uma história do olhar no ocidente. 1994
- CARVALHO, C. **Oficina de leitura de imagens**. Itajaí: UNIVALI, 2007. (Folheto)
- JOLY, M. **Introdução à Análise da Imagem**. Campinas: Papirus, 1996.
- MADER, M. P. M. **Metamorfoses figurativas**: imagens femininas na publicidade de cerveja. Curitiba: UTP/ 2003. 84 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná, 2003. Disponível em: [www.utp.br/proppe/edcient/BibliotecaVirtual/MCL/Maria%20P%20M%20Mader/MPMader.pdf](http://www.utp.br/proppe/edcient/BibliotecaVirtual/MCL/Maria%20P%20M%20Mader/MPMader.pdf). Acesso em: 15/04/2008.
- SCARELI, G. **Mídia e educação**: uma abordagem pelas histórias em quadrinhos. (Trabalho apresentado à INTERCOM, Belo Horizonte, 2003). Disponível em: [www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP16\\_scareli.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP16_scareli.pdf). Acesso em: 15/04/2008.
- GURGEL, N. **A charge numa perspectiva discursiva**. Disponível em: <http://www.primeiraversao.unir.br/artigo135.html>. Acesso em: 15/04/2008.
- SOUZA, T. C. C. Discurso e imagem: uma questão política. IN: KENZI et al. **Imagem**: intervenção e pesquisa. Florianópolis: CEDES, 2006 p.89-95.
- MOSTAFA, S. P. **Videografar e narrar**: uma questão para a educação. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. Relatório de pesquisa PIBIC, 2008



PONTOS  
CONTRA

MOSTAFA, S. P.; PINHEIRO, C. F. **Red is blue**: a fábula rizoma do Chapeuzinho vermelho. Itajaí: ANPED-SUL/UNIVALI, 2008. (Trabalho apresentado à VII Seminário de Pesquisa em Educação da região Sul, 22 a 25 de julho).

PINHEIRO, C. F. Metodologia de Roland Barthes para análise de imagens. IN: SCHLINDWEIN, L. M.; PINO, A. Estética e pesquisa: formação de professores. Itajaí: Ed. da UNIVALI, 2006. (**Coleção Plurais Educacionais**, 2).

PINHEIRO, C. F. Meu tio matou um cara. IN: MOSTAFA, S. P.; CRISTOFOLETTI, R. **Mídia e conhecimento**: percursos transversais. Itajaí: Ed. da UNIVALI, 2006.

VYGOTSKI, L. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

## Nota

<sup>1</sup>Outras análises presentes no livro são: **The wall**, **Sociedade dos poetas mortos**, **A voz do coração**; **A vida é bela** e **Desmundo**.